



Movimento

ISSN: 0104-754X

stigger@adufgrs.ufrgs.br

Escola de Educação Física

Brasil

Danailof, Kátia

A "Educação Physica" nos Parques infantis de São Paulo (1935-1938)

Movimento, vol. 19, núm. 2, abril-junio, 2013, pp. 167-184

Escola de Educação Física

Rio Grande do Sul, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115326317014>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A "Educação Physica" nos Parques infantis de São Paulo (1935-1938)

*Kátia Danailof**

Resumo: O presente estudo analisa o papel da Educação Física nos Parques infantis de São Paulo (1935-1938), considerando sua inserção no projeto de difusão cultural do Departamento de Cultura de São Paulo, visando a transformar a realidade educacional e cultural do país. Por fim, nota-se uma educação física tomada como mediadora de um conhecimento histórico e culturalmente determinados, marcada pela necessidade de conciliar o ensino da ginástica com o folclore, informando a população sobre um conhecimento que, acreditava-se, seria esquecido.

Palavras-chave: História da Educação Física. Lazer. Educação Infantil.

1 INTRODUÇÃO

O Departamento de Cultura de São Paulo, sob a direção de Mário de Andrade (1935-1938), idealizou os Parques infantis como parte de um projeto destinado à difusão cultural, articulando objetivos educacionais, investigações acerca das características físicas e culturais da população, controle sanitário e assistência médica. Trata-se de um programa que buscava um alcance amplo, visando a "tradicionalizar" as elites e informar o operariado. (FARIA, 2002; GOBBI, 2004; DANAIOF, 2006; FILLIZZOLLA, 2002)

Utilizando como fontes de estudo: Regimento Interno do Departamento de Cultura: divisão de Educação e Recreio; Revista do Arquivo Municipal (RAM); "I Curso de Etnografia" realizado por

*Professora da Faculdade Metrocamp / Curso de Educação Física, Campinas, SP, Brasil. E-mail: katia.danailof@uol.com.br

Dina Lévi-Strauss no ano de 1937; Boletim de Hygiene (1930); e Revista Educação Physica, o presente estudo analisa o papel da Educação Física nos Parques infantis de São Paulo durante o período em que Mário de Andrade dirigiu o Departamento de Cultura de São Paulo (1935-1938).

A discussão parte da organização e estruturação do Departamento de Cultura de São Paulo, considerando que as ações públicas são produto do encontro entre pesquisa e intervenção pedagógica. Em um segundo momento, opera-se uma análise das pesquisas que tomaram como objeto de estudo as crianças parqueanas. Tais investigações visavam apreender os sentidos atribuídos ao corpo infantil no que tange às características físicas e culturais. Ou seja: Em face da massiva imigração de diferentes povos vivida pela cidade de São Paulo, a preocupação acerca da mestiçagem dos costumes e das histórias dos diferentes povos preocupa aqueles envolvidos com o projeto educacional nos parques. Afinal, a seleção das práticas corporais que orientariam a ação pedagógica, respondem às seguintes questões: o que deveria ser lembrado do Brasil antigo? O que deveria permanecer no esquecimento?

Considerando que "a história não descobrirá uma identidade esquecida, sempre pronta a renascer, mas um sistema complexo de elementos múltiplos, distintos, e que nenhum poder de síntese domina" (FOUCAULT, 2000, p. 21), a educação física retratada expõe a conjunção de distintos saberes sobre o corpo que redimensionaram sua prática pedagógica nos Parques infantis. Assim, de uma área reconhecida socialmente por ser interessante à formação de corpos fortes e saudáveis, a educação física apresenta-se como mediadora de um conhecimento histórica e culturalmente relevante, conferindo sentido à presença da ginástica, do esporte, do Folklore, da dança e dos jogos nos Parques infantis.

2 Os PARQUES INFANTIS

Contando com a participação de Mário de Andrade, Anhaia Mello, Fernando de Azevedo, Paulo Duarte, dentre outros, a proposta inicial dos parques infantis, desenvolvida junto ao Departamento de Cultura de São Paulo destaca a necessidade de ocupação do tempo livre das crianças, filhas dos operários, enquanto seus pais trabalhavam nas fábricas. Conforme o imaginário da época, sozinhas nas ruas, as crianças conviviam com jogos brutais e em espaços insalubres, com a falta de movimento gerada pela circulação intensa de veículos e transeuntes, com o ar impuro que vinha das fábricas e automóveis.

Os parques infantis foram, então, idealizados como espaços educacionais que acolheriam meninos e meninas em "estado de abandono" pelos pais que, na maior parte do dia, dedicavam-se ao trabalho nas fábricas (RAGO, 1997, p. 117), expondo diferentes compromissos educacionais conforme a condição da criança, significando desde o formar, "modelar" até a possibilidade de corrigir comportamentos e hábitos viciosos. Visando a despertar o gosto por hábitos saudáveis e morais, valorizava-se uma proposta de educação que contemplasse "a solidariedade, a comunicabilidade e a cooperação", privilegiando "o convívio das crianças de todas as classes sociais" e de etnias diversas, apontando escolhas em função da renovação cultural e social pretendidas, qual seja: ampliar a difusão da cultura a todas as camadas da população. Coerente a tal leitura da sociedade, o Departamento de Cultura, segundo o ato n. 861 de 1935, abrangeria os seguintes campos:

I - Divisão de Extensão Cultural, com as seguintes seções:

teatros e cinemas;

rádio-escola.

II - Divisão das Bibliotecas, com duas seções;

III - Divisão de Educação e de Recreios, com as seguintes seções:

Parques infantis;

Campo de Atletismo, Estádio e Piscina;

Divertimentos Públicos.

IV - Divisão de Documentação Histórica e Social com duas seções:

Documentação Histórica;

Documentação Social.

A divisão de Extensão Cultural encarregar-se-ia de promover e organizar espetáculos de arte, contribuindo com um conjunto sistemático de medidas para o desenvolvimento da arte dramática, da música, do canto, do teatro e do cinema. Pela primeira vez, o Departamento de Cultura permitiria o acesso dos trabalhadores ao Teatro Municipal para um recital, além de garantir-lhes acesso à biblioteca e à discoteca. A criação de uma estação radiodifusora e a organização de bibliotecas públicas, disponibilizariam à população informações sobre serviços, palestras e cursos populares de organização literária e científica, cursos e conferências universitárias, sessões literárias e artísticas, ou seja, tudo o que pudesse contribuir para o aperfeiçoamento e extensão da cultura. A divisão de Documentação Histórica e Social seria responsável por recolher, colecionar, restaurar e publicar documentos antigos, materiais e dados históricos e sociais, facilitando as pesquisas e estudos sobre a história da cidade de São Paulo, suas instituições e organizações em todos os domínios da atividade. (FILLIZZOLLA, 2002)

Fundamentado em um projeto amplo de difusão cultural, nota-se a correlação entre os trabalhos realizados pelo Departamento de Cultura, onde os investigadores sociais, por meio da divisão de documentação histórica e social, forneciam subsídios para compreender e intervir na sociedade, influenciando ações diretas junto ao público, a fim de promover o "amplioramento da qualidade de vida dos paulistanos, sem excluir o operariado" (FARIA, 2002, p.85).

A pesquisa coordenada pelo professor Fernando de Azevedo - do Instituto de Educação da Universidade de São Paulo - e pela professora d. Noemy da Silveira Rudolfer expõe tal perspectiva no artigo intitulado "Padrão de vida dos operários da cidade de São Paulo", publicado na Revista do Arquivo Municipal (RAM) no ano de 1935. Participaram desta pesquisa, voluntários da classe de Sociologia e educadores sanitários do Serviço de Higiene e Educação Sanitária Escolar.

O padrão de vida dos operários foi analisado seguindo parâmetros de constituição familiar, índices de analfabetismo, renda, alimentação, despesas, deficiências, habitação, roupas e orçamento do custo de vida. Cento e cinquenta e uma famílias foram pesquisadas e, segundo os resultados apresentados sobre nacionalidade: 80 apresentavam "chefes" brasileiros; 32 italianos, 12 "hespanhóis", 9 portugueses, 3 lituanos, 3 austríacos e 3 japoneses, e os demais vieram da Inglaterra, Alemanha, "Yougoslândia", Polônia, "Syria", Argentina, Rússia e Hungria (AZEVEDO; RUDOLFER, 1935).

As indicações apontadas pela pesquisa realizada com as crianças frequentadoras dos parques infantis, em geral filhos e filhas de operários, por meio da qual foi possível obter um panorama das condições sociais da população no período. Assim, constatou-se que os índices de analfabetismo eram mais expressivos entre os "hespanhóis" e lituanos (21%) maiores de 13 anos, sendo mais baixos nas famílias de portugueses, brasileiros e italianos (16,4 a 18%). Conforme os dados obtidos:

Apesar dos baixos preços dos alimentos, dependem eles com gênero da sua renda (37,7%) algo maior que a considerada normal entre os operários dos países de civilização mais antiga. Metade deles parece que vive num regime alimentar abaixo do padrão comum, sem as energias necessárias e quase todos usam, devido a vários fatores (ignorância na escolha dos alimentos, salários reduzidos etc.), um regime alimentar mal proporcionado e com carência dos elementos essenciais. O regime alimentar resente-se claramente da deficiência de leite, e os

hábitos da alimentação de todo o grupo, com sensível tendência para o abuso do pão e dos cereais, e com desprezo pelas hortaliças, fazem crer num consumo relativamente baixo de vitaminas e sais minerais.

Soma-se a esse quadro o fato de 60% desse público apresentar sintomas de desnutrição, como também algum tipo de doença contagiosa. A saúde e a higiene precárias da população geraram a oferta, nos parques infantis, de serviço dentário/odontológico e médico, além da distribuição de merenda duas vezes por dia, "composta por: leite, pão, manteiga, bananada, goiabada, pessegada, queijo, banana e mel" (FARIA, 2002, p. 137).

O consenso, aos poucos, estabelecia-se. Seria através da formação de novos cidadãos que surgiria uma nova pátria próspera e passível de desenvolvimento. Para tanto, conforme lembra Foucault (1996, p. 146), é preciso considerar que "[...] não é o consenso que faz surgir o corpo social, mas a materialidade do poder se exercendo sobre o próprio corpo". As mazelas sociais evidenciam, assim, um quadro em que se fixa a confluência entre os corpos e a padronização da produção e consumo, as indústrias, o desenvolvimento científico e tecnológico, elementos que suscitam ações sobre estes mesmos corpos.

Tal projeção é sintetizada no "moderno conceito de educação física", afirmando que prezar pela saúde, considerando o dispêndio de energia cotidiano, seria essencial à reeducação da população, colaborando para a promoção de uma vida longe de vícios e próxima à condição de higiene ideal. Tecia-se, então, um conjunto de saberes "intensificando os desejos de cada um sobre seu próprio corpo" (FOUCAULT, 2000, p. 147).

Os higienistas reconhecem na educação física um grande fator educativo e profilático para a "frenação dos impulsos", afirmando que "O indivíduo que zela pelo seu *physico* teme as intoxicações e as evita, porque sabe que a alegria que nos trazem os tóxicos é enganosa e ephemera, entorpece-nos, avultando em desgraças futuras" (SILVA, 1930, p. 4). Contudo, a "educação *physica*" ainda era considerada prejudicial por apresentar um trabalho "immoderado"

por parte de seus profissionais, resultando em estudos que avaliavam a "nova physionomia da vida". Em outras palavras, a organização da vida urbana, a falta de espaço e a intensidade nervosa proporcionaram a reformulação das abordagens realizadas pelos higienistas e educadores físicos e, com ela, a reflexão acerca das práticas que vinham sendo difundidas, celebrando a necessidade de agregar a essas atividades uma consistente concepção científica (SUMMERS, 1933, p. 2).

A Nova "Educação Physica" estruturava-se apresentando como princípios fundamentais prezar pelo dispêndio de energia cotidiano, pela qualidade de execução dos movimentos e formação do caráter, empregar a força de modo inteligente, além de desenvolver as proporções do corpo e a postura, a partir de exercícios subdivididos por grupos musculares (DEMENY, 1933).

Nas páginas da Revista Educação Physica, a identidade da área é associada à grande influência que exerce no desenvolvimento do indivíduo, proporcionando o aumento da vitalidade do organismo e correção moral. Neste contexto, também os parques infantis passam a ser reconhecidos como espaços complementares à educação escolar, ainda que alguns contestassem tal projeto, reclamando atenção à rede pública de ensino (BERTO; FERREIRA NETO; SHNEIDER, 2009).

Reconhecendo as "mazelas da cidade" como as causas da degradação moral e física da população, o poder público cria estratégias para sanar os problemas sociais, defendendo a escola como um espaço privilegiado para reestruturação do país e, conseqüentemente, a superação de entraves à sua inserção na modernidade. Em espaços extraescolares, os exercícios físicos serviriam a um projeto de socialização marcado pela ocupação útil do tempo livre. Cabe lembrar que tal perspectiva é defendida em 1929 pela ABE (Associação Brasileira de Educação), que propunha a criação de espaços recreativos na cidade, cuja intencionalidade centrava-se, segundo Linhares (2006), na difusão de um modelo escolar de ensino pautado na disciplina e no domínio técnico. O ideal de "transbordamento da escolarização pelos espaços da cidade"

(LINHALES, 2006, p. 22) é concretizado nos parques infantis de São Paulo nos anos 1930, perceptível nas expectativas acerca do papel do instrutor de educação física, na divisão do tempo e no conjunto de saberes que este deveria dominar.

Apesar de ser considerado um "prolongamento" do espaço escolar, os parques infantis apresentam uma configuração própria, marcada, no caso, por investigações acerca das características físicas e culturais do Brasil e dos brasileiros. Assim, em face da mestiçagem dos costumes e das histórias dos diferentes povos que passavam a ocupar a cidade de São Paulo, para a seleção dos conhecimentos que seriam trabalhados diretamente com as crianças, questionava-se: o que deveria ser lembrado do Brasil antigo? O que deveria permanecer no esquecimento? Como, então, a educação física poderia contemplar tal premissa?

3 O CORPO COMO FONTE VIVA DE INFORMAÇÃO

Conforme aponta a legislação do Departamento de Cultura para os parques infantis, os instrutores de "Jogos e Educação Physica Infantil" deveriam cumprir as funções de:

- a) zelar pela saúde das crianças [...];
- e) propagar a prática de brinquedos e jogos nacionais, cuja tradição as crianças já perderam ou tendem a perder;
- f) promover a prática de todos os jogos que, pela experiência universal, forem dignos de ser incorporados nas tradições locais e nacionais;
- g) aproveitar as oportunidades que lhes proporcionar o interesse das crianças, para lhes ministrar a educação physica, systematizada por meio de exercícios adequados (LEGISLAÇÃO..., 1935, p. 25).

Nicanor Miranda (1941), diretor da divisão de Educação e de Recreios, estabelecia que divertimentos públicos e campos de atletismo, estádio e piscinas teriam atividades orientadas. Os

candidatos a instrutores que trabalhariam nos parques infantis deveriam ter curso de educação sanitária - no Instituto de Higiene do Estado -, ser diplomados pela Escola Superior de Educação Física do departamento de São Paulo ou por escolas de educação física mantidas pelo governo federal, conforme previsto pelo Ato n.861, artigo 53, de 30 de janeiro de 1935.

Cabe notar que a Escola Superior de Educação Física, fundada em 1º de agosto de 1934, formaria os professores de Educação Física e os instrutores que trabalhariam nos parques infantis. Os "instrutores de gymnastica" completavam o curso em 01 (um) ano, estando aptos a ministrarem aulas de "physiocultura". Os "professores de educação physica" estudavam um ano a mais e seriam considerados "verdadeiros directores de educação physica" nos colégios ou clubes esportivos (ESCOLA, 1936, p. 18).

O "Programa de Concursos para Instrutores" do ano de 1936 orienta-se a partir dos preceitos da "Psicologia Infantil e Pedagogia Especializada", especificando dois pontos significativos para pensar a perspectiva de ensino nos parques infantis e o encontro entre a pedagogia, educação física e medicina higienista. Para ser admitido como instrutor de educação física nos parques infantis, o candidato seria submetido a um processo de seleção composto por uma prova escrita e outra prática. Seguindo a análise do Programa, na prova escrita, o candidato deveria apresentar domínio sobre "o moderno conceito de Educação Física", "A Educação Física e a sociedade moderna", conhecimento "dos métodos de Jahn, Ling e Amoros", com destaque ao método francês, fundamentos fisiológicos, o sedentarismo, a infância, a estafa, os efeitos "psico-fisiológicos" dos jogos, a "ginástica ortopédica", bem como criar organizar "Fichas de aproveitamento. Elaboração. Controle", que serviriam "como elemento para a pesquisa social" (PROGRAMA, 1935, p. 8).

Os saberes sobre o corpo produzidos passam a formar um complexo mosaico, sobre o qual podemos refletir acerca do detalhamento e da sutileza que envolve seu alcance, cujos

mecanismos evidenciam controles e ajustamentos das crianças, filhos e filhas de imigrantes. No caso, "O interessante não é ver que projeto está na base de tudo isto, mas em termos de estratégia, como as peças foram dispostas" (FOUCAULT, 2000, p. 86).

Destaca-se, neste sentido, a promoção do I Curso de Etnografia pelo Departamento de Cultura de São Paulo, ministrado por Dina Lévi-Strauss¹ aos investigadores sociais - oriundos da Escola de Política e Sociologia de São Paulo e do Curso de Sociologia da Universidade de São Paulo. Mário de Andrade afirmava, então, a urgência da Etnografia, pois considerava que os pesquisadores brasileiros careciam de um método científico para a coleta de dados. Em suas palavras, significava:

[...]. Colher, colher cientificamente nossos costumes, nossas tradições populares, nossos caracteres raciais, esta deve ser a palavra de ordem dos nossos estudos etnográficos; e num sentido eminentemente prático vão se orientar os trabalhos deste Curso de Etnografia [...] (ANDRADE, 1937, p. 1).

A fala de Mário de Andrade realça a necessidade de preservar a memória nacional, considerando a "ausência, muitas vezes total, de orientação científica, que domina a pseudo-etnografia brasileira [...]" (ANDRADE, 1937, p. 1). Coerente a tal discurso, buscando definir os limites do uso da antropologia física como método de estudo adotado, Dina Lévi-Strauss a considerava como área capaz de trazer "o conhecimento mais profundo e claro de um país". Em especial, serviria ao Brasil por ser mundialmente conhecido como "centro de fusão de tantas raças" (LEVI-STRAUSS, 1937).

O corpo infantil passa a ser investigado como "território tanto biológico quanto simbólico", cujas marcas permitiriam compreender a história de sua educação (SANT'ANNA, 2001a, p. 4). Como "fonte

¹No ano de 1936, a sra. Lévi-Strauss, conforme era conhecida, publica *Instruções práticas para pesquisas de antropologia física e cultural* e é convidada por Mário de Andrade a ministrar o I Curso de Etnografia (1937), destinado à formação de investigadores sociais. Ao lado de Mário de Andrade participa da fundação da Sociedade de Etnografia, no ano de 1937, e assume o cargo de primeira secretária. Originalmente o livro *Instruções práticas para pesquisas de antropologia física e cultural* seria publicado em dois volumes, sendo o segundo volume intitulado *Sociologia e antropologia* (LÉVI-STRAUSS, 1936, p. 129-132).

viva de informação", o corpo seria observado, medido e esquadrinhado. As técnicas corporais seriam catalogadas e serviriam como ponto de partida para a compreensão das diferenças culturais dos povos.

Registradas as características dos frequentadores dos parques, nota-se um trabalho condicionado por uma questão cara à antropologia: o que pode ser considerado inato ao homem e o que seria culturalmente determinado. Dina Lévi-Strauss (1936) utiliza-se do referencial da antropologia cultural em busca de respostas, definindo a área como "tradutora" dos fenômenos da vida.

Trata-se de uma perspectiva coerente com o significado do intercâmbio entre elite e povo proposto pelo Departamento de Cultura de São Paulo. Segundo Fernando de Azevedo (1963), a cultura significaria "todas as realizações materiais e imateriais de um agrupamento humano". Em outras palavras...

É um certo desenvolvimento do estado intelectual, o gosto e o interesse pelas artes e o progresso da ciência, o que caracteriza a cultura, em que não é difícil reconhecer esses elementos essenciais: 1) o esforço pessoal e coletivo em prol da libertação do espírito; 2) o desinteresse, isto é, por maiores que sejam as relações entre o útil e o belo, entre o útil e o verdadeiro, ele não visa diretamente fins utilitários; 3) o sentido de tradição humana que procura, consciente ou inconscientemente, como um ideal supremo, seja qual for a riqueza da seiva de que se alimentam as suas raízes mergulhadas no húmus nacional (AZEVEDO, 1963, p. 34-35).

Coerente ao sentido atribuído ao termo cultura por Fernando de Azevedo, Dina Lévi-Strauss recomendava que os investigadores sociais deveriam anotar: "minuciosamente, não conjuntos, mas uma determinada técnica, um dado comportamento, qualquer manifestação de cultura humana, por pequena que seja, desde que apresente alguma particularidade". Especificando as instruções, a pesquisadora dedica uma aula à análise das "atitudes", explicitando: "Chama-se atitude ou postura tudo que implica movimento, esteja o indivíduo num determinado lugar, ou se desloque como na dança, na marcha,

na prática de esportes, no trabalho". Baseando-se nos estudos de Marcel Mauss, considerava que, independente da raça, da nação, haveria sempre uma técnica específica e produção cultural que diria respeito ao grupo, no caso, de crianças. (LÉVI-STRAUSS, 1937, p. 5)

Além de representantes do patrimônio histórico e cultural, "Esconde-esconde, acusado, pula-sela, jogo de bola na mão, bolinha de gude, futebol, varinha tangendo rodas, pipas, cantigas de roda, bonecas e outras brincadeiras", eram considerados jogos tradicionais de rua, antes repudiados pela classe dominante, associando-os à criminalidade e à promiscuidade, que no espaço dos parques infantis assumem um caráter educativo. (KISHIMOTO, 2004, p. 81). Os jogos e as brincadeiras realizados pelas crianças parqueanas colaborariam para a identificação de um meio que, pertencendo à realidade infantil, demonstraria ainda as relações diretas com o mundo adulto, evidenciando o estágio em que a criança se encontrava, "como também expressa o valor da tradição da técnica manual na diferença entre a cerâmica (vasos) realizada por adultos e crianças" (LÉVI-STRAUSS, 1937, p. 10).

Contos, lendas, mitos, provérbios, seriam consideradas, nos espaços destinados aos parques infantis como "obras que figuram na literatura oral ou escrito dum povo" (LÉVI-STRAUSS, 1937, p. 8), tratadas por dois pontos de vista: como folclore popular e como patrimônio da tradição indígena. Nos parques infantis, o folclore seria apresentado às crianças respeitando tais elementos. As cantigas, os ornamentos e decorações, os objetos que compõe a dança seriam experimentados pelas crianças, pois como "arte decorativa", envolveria:

tudo que dá forma, cor, característica qualquer superficial às pessoas, animais, plantas, coisas. Destina-se a embelezar, acentuar ou dissimular determinados aspectos.

A decoração pode assim ter um significado estético, social, religioso, mágico etc. (LÉVI-STRAUSS, 1937, p. 8).

Na festa de encerramento do Congresso de Língua Nacional Cantada, organizado pela divisão de Expansão Cultural do Departamento de Cultura de São Paulo em novembro de 1937, as crianças parqueanas apresentam a peça folclórica Nau Catarineta entoada pelas canções Ouçam meus senhores, Rema que rema, Marujos do mar, Remos de ouro, forquetas de prata e Vamos dar a despedida. As personagens, representadas pelas crianças, giram em torno de uma embarcação (marujos, capitão, contra-mestre etc...). Segundo pesquisas realizadas por Mário de Andrade, a Nau Catarineta pode ser lida como uma das jornadas que foi incorporada a partir de um antigo romance oral de origem ibérica, que conta a história de um navio português desaparecido na volta das colônias (ANDRADE, 1982).

Mário de Andrade (1982) define que as danças folclóricas, tal qual a Nau Catarineta ou o bumba-meu-boi, podem ser consideradas como uma sequência de cenas dramáticas, livremente articuladas a partir de um conjunto de personagens alusivos ao motivo central. Argumentava, ainda, que o folclore pode ser traduzido como uma manifestação popular que é dinâmica, móvel, ou seja, capaz de transportar ao longo das gerações o "substrato guardado na alma do povo, na arte do povo" (JARDIM, 2005, p. 45).

Nos escritos sobre danças dramáticas ibero-americanas, Mário de Andrade afirmou que "um dos problemas curiosos, no estudo da sociedade brasileira, era a intensa e pouco justificável permanência em nossos costumes de celebrações da epopéia marítima portuguesa e das lutas ibéricas entre cristãos e mouros" (ANDRADE, 1982, p. 54). Para o autor, as danças dramáticas se formaram aqui, embora confesse que o fizeram "amalgamando, reunindo um conjunto de tradições diversas aqui chegadas" (ANDRADE, 1982, p. 50). Diante desse quadro, a arte é tomada como fonte propulsora de seu trabalho. A cultura popular deixa de ser apenas fonte de beleza para Mário de Andrade e passa a ser objeto de estudo, de análise e de investigação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No limite, os parques infantis representam a imagem da própria cidade como um campo de provas, ou um imenso laboratório urbano, em que as diferenças étnicas, as questões de higiene e de educação geram curiosidade sobre o futuro do país e sobre a construção da sociedade civilizada, fomentando intervenções junto à população. Pesquisa e ensino realizados com as crianças parqueanas indicam que:

[...] sobre o corpo se encontra o estigma dos acontecimentos passados do mesmo modo que dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros nele também eles se atam e de repente se exprimem, mas nele também eles se desatam, entram em luta, se apagam uns aos outros e continuam seu insuperável conflito (FOUCAULT, 2000, p. 15).

Reconhecendo que a "liberdade do brinquedo, da vivência, da cultura infantil, tinha claros objetivos patrióticos, os quais a Educação Física certamente poderia contribuir" (BERTO; FERREIRA NETO; SHNEIDER, 2009, p.9), destacam-se neste estudo os trabalhos realizados nos parques infantis, o papel da educação física e sua relação com o projeto de difusão cultural defendido pelo Departamento de Cultura de São Paulo. Partindo do "Programa de Concursos para Instrutores", evidenciou-se essencialmente o conjunto de conhecimentos que configuraram uma educação física tomada como mediadora de um conhecimento histórico e culturalmente determinados, marcada pela necessidade de conciliar o ensino da ginástica científica com a "imprecisão" do conhecimento produzido pelo povo através da dramatização de temas nacionais e jogos populares para que fosse possível, aos investigadores sociais, anotar as diferenças culturais nomeadas como "atitudes" e, ao mesmo tempo, informar a população sobre um conhecimento que, acreditava-se, seria esquecido.

Expondo quão profundas podem ser as marcas deixadas no corpo, os acontecimentos do passado, tomados como normas de convívio e valores, nortearam as escolhas realizadas pelo

Departamento de Cultura durante a gestão de Mário de Andrade (1935-1938). Concebidas em outros tempos, mostram-se passíveis de serem rememoradas, ressignificadas e reescritas por meio de diferentes práticas corporais, como o folclore, o jogo, a ginástica, o esporte, a dança.

The "Education Physica" in playgrounds at São Paulo (1935-1938)

Abstract: The present study examines the role of physical education in the Playgrounds of São Paulo (1935-1938), considering its inclusion in the project of cultural diffusion from the Department of Culture of São Paulo, aiming to transform the educational and cultural reality of the country. Finally, there is a physical education taken as a mediator historical knowledge and culturally determined, marked by the need to reconcile the teaching gymnastics to folklore, informing the population of a knowledge which would be forgotten.

Keywords: History of Physical Education. Leisure Activities. Child Rearing.

La "Educación Physica" en los parques de São Paulo (1935-1938)

Resumen: El presente estudio examina el papel de la educación física en los parques infantiles de São Paulo (1935-1938), teniendo en cuenta su inclusión en el proyecto de difusión cultural del Departamento de Cultura de São Paulo, con el objetivo de transformar la realidad educativa y cultural del país. Por fin, hay una educación física tomado como un mediador del conocimiento histórico y cultural determinado, marcado por la necesidad de conciliar la enseñanza de la gimnasia con el folclore, informando a la población de un conocimiento que, según se creía, sería olvidado.

Palabras-clave: Historia de la Educación Física. Actividades Recreativas. Crianza del Niño.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. **Danças dramáticas do Brasil**. São Paulo: Martins, 1982.

_____. **Inauguração do Curso de Etnografia do Departamento de Cultura (minuta da palestra)**. [São Paulo]: [abril de 1937]. 1p.datil., com anotações.

AZEVEDO, Fernando; RUDOLFER, Noemy da Silveira. Padrão de vida dos operários da cidade de São Paulo. **Revista do Arquivo Municipal (RAM)**, São Paulo, v. 2, n. 13, maio 1935.

AZEVEDO, Fernando. **A cultura brasileira: introdução ao estudo da cultura brasileira**. 4. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1963.

BERTO, Rosianny Campos; FERREIRANETO, Amarílio; SHENEIDER, Omar. Parques infantis e colônias de férias como espaços/tempos de educação da infância (1930-1940). **Pensar a Prática**, Goiás, n. 12, v. 1, p. 1-12, jan./abr. 2009.

DANAIOLOF, Kátia. **Crianças na trama urbana**: as práticas corporais nos Parques Infantis da São Paulo dos anos 1930. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

DEMENY, Georges. A verdadeira Educação Physica. **Revista Educação Physica**, São Paulo, v. 2, n. 3, 1933.

ESCOLA Superior de Educação Physica do Estado de São Paulo. **Revista Educação Physica**, São Paulo, n. 6, 1936.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. **Educação pré-escolar e cultura**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp; 2002.

FILLIZZOLLA, Ana Carolina Bonjardim. **Na rua, a "troça", no parque, a troca**: os parques infantis da cidade de São Paulo na década de 1930. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis : Vozes, 1996.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

GOBBI, Márcia Aparecida. **Desenhos de outrora**: os desenhos de crianças pequenas do acervo Mário de Andrade. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

JARDIM, Eduardo. **Mário de Andrade**: a morte do poeta. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogos infantis**: o jogo, a criança e a educação. Petrópolis: Vozes, 2004.

LEGISLAÇÃO do Departamento de Cultura para os parques infantis. **Revista do Arquivo Municipal (RAM)**, São Paulo, v. 1, n. 9, jan. 1935.

LÉVI-STRAUSS, Dina. **Instruções práticas para pesquisas de antropologia física e cultural**. São Paulo: Departamento de Cultura, 1936.

_____. **I Curso de Etnografia (minuta da palestra)**. [São Paulo]: [1937]. 1 p.datil., com anotações.

LINHALES, Meily Assbú. **A escola, o esporte e a "energização do caráter"**: projetos culturais em circulação na Associação Brasileira de Educação (1925-1935). Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

MÁRIO de Andrade e a sociedade de etnografia e folclore. Rio de Janeiro: FUNARTE/ Instituto Nacional de Folclore, São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, 1983.

MIRANDA, Nicanor. **Origem e propagação dos parques infantis e parques de jogos**. São Paulo: Departamento de Cultura, 1941.

PROGRAMA de Concursos para Instrutores. **Revista do Arquivo Municipal (RAM)**, São Paulo, v. 3, n. 29, nov. 1936.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar** (Brasil 1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

REGIMENTO interno dos parques infantis. São Paulo: Departamento de Cultura, 1935.

SANT'ANNA, Denise Bertuzzi de. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, Carmen Lúcia (Org.). **Corpo e história**. Campinas: Autores Associados, 2001. p. 3-24.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Cultura. Departamento de Cultura. Ato n. 767, de 9 de janeiro de 1935. São Paulo: Departamento de Cultura, 1935.

SILVA, A. E. Pacheco. Esporte e Systema Nervoso. **Boletim de Hygiene Mental**, n. 15, 1930.

SUMMERS, James S. O hodierno conceito de Educação Physica. **Revista Educação Physica**, São Paulo, ano II, n. 3, 1933.

Endereço para correspondência:

Rua Miguel Lemos, 245

Loteamento Caminhos de San Conrado/Sousas - Campinas/SP

CEP 13104-132

Recebido em: 05/09/2012

Aprovado em: 19/01/2013